



**III CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

## **O CELULAR COMO DISPUTA DE SENTIDO**

Lhays Marinho da Conceição Ferreira

*Universidade do Estado do Rio de Janeiro*  
lhays.uerj@gmail.com

A intensificação da presença das novas tecnologias de comunicação e informação – as TICs – tem alterado significativamente as práticas e relações sociais no mundo contemporâneo e é esse cenário que orienta a pesquisa de mestrado em curso com o objetivo de investigar os sentidos atribuídos aos usos de dispositivos móveis na sala de aula. Os questionamentos feitos neste trabalho têm como ponto de reflexão a produção cultural dos sujeitos em meio à tecnologia, entendendo-a como linguagem e não somente como disponibilidade de aparato midiático, que enseja práticas culturais com grandes implicações no currículo. Penso esse contexto de mudanças operando com a ideia de currículo como enunciação cultural, que também é constituído, pela presença ou pela ausência, por sentidos de uma cultura digital. Entendendo que há muitos sentidos dados para o uso dos dispositivos móveis, precisamente do celular, em sala de aula, busco problematizar os discursos que tentam ser hegemônicos, como a ação de diferentes casas legislativas espalhadas pelo país no sentido de coibir e/ou limitar o uso de dispositivos móveis nas salas de aula, entendo o uso destes dispositivos como prejudicial aos alunos, além dos discursos que as tecnologias são a possível solução para a crise na educação. Aqui não nos cabe afirmar se há um lado certo, mas discutir por meio de entrevistas e questionários com professores e alunos do ensino médio de uma escola localizada no município do Rio de Janeiro outros sentidos atribuídos ao uso do celular no momento da aula.

Palavras-chave: Currículo, Tecnologia, Cultura, Professor.



A intensificação da presença das novas tecnologias de comunicação e informação – as TICs – tem alterado significativamente as práticas e relações sociais no mundo contemporâneo e é esse cenário que orienta a pesquisa de mestrado em curso com o objetivo de investigar os sentidos atribuídos aos usos de dispositivos móveis na sala de aula. Entendo que as tecnologias ensejam práticas culturais com grandes implicações no currículo e procuro pensar esse contexto de mudanças operando com a ideia de currículo como enunciação, como espaço-tempo de fronteira (MACEDO, 2003) também constituído, pela presença ou pela ausência, por sentidos de uma cultura digital.

Os dispositivos móveis são os tablets, smartphones, celulares, e podem ser transportados com facilidade e usados em diversos locais que frequentamos, como residência, trabalho, escola, restaurante, cinema, ônibus, etc, eles mantêm informações pessoais armazenadas, como uma agenda de compromissos, lista de contatos, chamadas realizadas e mensagens recebidas, mantêm informações de trabalho e/ou por meio deles podemos acessar e-mail, ter novos recursos, aplicativos, a maioria tem conexão com a internet então podemos acessar as redes sociais e pesquisar assuntos gerais, seja para nos mantermos informados sobre o que está ocorrendo ou para publicar informações, compartilhar fotos, fotografar, filmar, realizar ligações e mandar mensagens. Esses dispositivos também comportam diversos aplicativos e funções como games, calculadora, ver a previsão do tempo e etc. São parte importante das chamadas tecnologias de informação sem fio.

Entender o impacto dos usos desses dispositivos na escola implica refletir sobre como essa instituição se organiza, o que valoriza e como projeta aquilo que considera como modelos de relação entre os sujeitos que assumem posições diferentes nesses espaços e entre os sujeitos e o conhecimento. Isso porque as tecnologias em geral, e as móveis em especial, não só colocam em questão esses modelos de relação como introduzem outras possibilidades de interação em um mundo em que fluxos globais de relações na contemporaneidade permitem outras formas de organização e de produção (ROSÁRIO, 2013).

Os dispositivos móveis vêm sendo utilizados nas mais diversas áreas e em nosso cotidiano. Esta utilização tem se expandido, as gerações anteriores têm se apropriado cada vez mais destas tecnologias, e as novas gerações, já incorporam tais dispositivos como uma extensão do lar ou de seu próprio corpo.

A existência e o uso destas tecnologias não se evidenciam somente no momento em



# III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

que vemos um dispositivo em uso, mas culturalmente nossas ações, nossas relações e nosso vocabulário denunciam que estamos fortemente influenciados por esta era digital. [...] A principal característica destes tipos de dispositivos é justamente serem móveis. Esta característica propicia que haja uma imediata atualização da informação, seja das redes sociais, um material específico de curso, assuntos pessoais ou de localização. (SABOIA; VARGAS; VIVA, 2013, p. 04)

A tecnologia, de uma maneira geral, propicia o surgimento de novas percepções e produzem novos sentidos. Na Era do Conhecimento, a tecnologia possibilita a expressão de novas atividades, novos formatos de interação social, ampliação dos locais, formatos e estrutura do processo de ensino e aprendizagem, ampliando a percepção da sala de aula e da interação aluno-professor e aluno-aluno. (SABOIA; VARGAS; VIVA, 2013)

A partir disso, os questionamentos feitos neste trabalho têm como ponto de reflexão a produção cultural dos sujeitos em meio à tecnologia, entendendo-a como linguagem e não somente como disponibilidade de aparato midiático. Produção cultural entendida como fluxo contínuo em que são produzidos sentidos que se articulam e para pensar a produção cultural do currículo elegi os estudos culturais para dialogar.

Penso currículo enquanto enunciação cultural, para isso e estabeleço o conceito de cultura ao qual me aproprio temporariamente. Entendo cultura a partir das concepções pós-coloniais de Bhabha (1998) que trata a cultura como processo de significação, destacando os processos híbridos pelos quais as culturas se constituem. Homi Bhabha aborda o conceito de hibridismo cultural e define, neste contexto, cultura como prática de enunciação. Assim, não há fixação nos sentidos de uma cultura; sempre que lidos, os sentidos são reapropriados. De onde se conclui que há apenas produção na/de cultura e igualmente há sentidos apenas híbridos.

Entendo que os sujeitos experimentam esses fluxos também como sujeitos híbridos em seus pertencimentos culturais. É dessa perspectiva que procuro pensar os usos dos dispositivos móveis, trata-se de processos híbridos em que essa outra linguagem – a tecnologia - é apropriada em processos de tradução e negociação cultural. Negociações estas entre sentidos sobre os usos das tecnologias como importante contribuição para avanços nos processos de produção do conhecimento e de produção cultural nas salas de aula e também sentidos em que esses usos são significados como prejudiciais à aprendizagem e/ou ao ensino.

As produções culturais constituídas entre a dinâmica das salas de aula convencionais e o uso dos dispositivos móveis, se constituem como um *entrelugar* de entrelace cultural (MACEDO, 2006), havendo uma conexão com o espaço dentro/fora da sala de aula, a partir deste uso. O movimento que ocorre entre o real e o virtual cria

outros sentidos e significados para as práticas em sala de aula; a



# III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

produção do conhecimento não está localizada no espaço físico da sala de aula, muito menos em um tempo específico; ele está sendo produzido em outros espaços e tempos não reguláveis, está no fluxo contínuo. (ROSÁRIO, 2015, p.12)

Pensar o currículo nessa perspectiva implica assumi-lo como campo de demandas no qual estão presentes relações de poder e dominação. Dessa forma, esse currículo é fruto de negociações e lutas contínuas que envolvem projetos educacionais, leis, normas, etc. A partir destes fechamentos provisórios a respeito do que estou chamando de currículo, penso essa ação social e a conduta de usar os dispositivos móveis como uma dimensão cultural e discursiva. De acordo com Lopes e Macedo (2011), ao considerarmos a ação social desta maneira, dizemos que a cultura não é somente regulada, mas regula. “Qualquer que seja a ação humana, ela não ocorre fora de sistemas de significados, ela se dá em arranjos de poder discursivo e simbólico”. (LOPES; MACEDO, 2011, p.198).

Costa (2005) afirma que aquilo que denominamos jovem é a expressão de identidades recriadas de diversas formas, sujeitos que transitam por diversos *espaçotempo* integrados e isto provêm de movimentos híbridos. A transição entre o mundo real e o virtual cria outros significados para as práticas em sala de aula. A produção do conhecimento não está localizada no espaço físico da sala de aula, muito menos em um tempo específico; ela se produz em um fluxo contínuo.

Neste *espaçotempo* híbrido percebemos uma grande integração de linguagens que impactam numa nova dinâmica da produção de cultura. A familiarização com novas tecnologias da informação potencializa a influência da tecnologia sobre diversos aspectos sociais. Esta tecnologia de que os sujeitos fazem uso de forma individual e coletiva, pode ser entendida como linguagem que modifica as relações intersubjetivas, constituindo os sujeitos na relação com o outro (BAKHTIN, 1998).

Assumo a produção cultural como produção discursiva. Discursos que, segundo Laclau e Mouffe (2014), articulam determinados sentidos de mundo. No entanto, a estrutura discursiva não é um agrupamento homogêneo de elementos organizados, mas constituído de antagonismos entre elementos num processo contínuo de articulação, deslocamento e nova articulação (LACLAU; MOUFFE, 2004). O discurso é constituidor da realidade, mas essa hegemonia é permanentemente confrontada. As normas, leis, regras escolares são discursos hegemônicos que projetam sentidos de escola. Mas essa hegemonia não está dada, ela precisa ser e é, permanentemente negociada. Para se tornar hegemônico um discurso não pode ser homogêneo. Ele precisa articular diferenças que, contingencialmente passam a se sentirem representadas por um ponto nodal que possibilita a



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

articulação. Esse ponto nodal é uma demanda particular que assume o lugar de uma universalidade. Se os dispositivos móveis são significados como prejudiciais à aprendizagem é porque eles ameaçam a hegemonia de um dado projeto de escola. Nessa pesquisa interessa investigar como e porque isso acontece.

Por outro lado, os discursos em defesa dos usos das tecnologias na escola, articulam sentidos que as projetam como alternativa de saída para uma crise da educação e da escola. Um discurso que, em alguns casos, associa a crise da escola à sua inadaptação às mudanças decorrentes das transformações tecnológicas. A crise como consequência de um distanciamento existente entre a escola e as novas tecnologias de informação e comunicação.

Não tenho a pretensão de tomar uma posição entre essas duas vertentes, pois não se trata de ser contra as tecnologias ou de ignorar os usos que os estudantes fazem dela na vida cotidiana. Também não parece suficiente pensar que a mera inclusão das tecnologias na escola significar uma inovação, ou “como uma forma inovadora de ensino e visando a inserção do aluno no mundo moderno” (FERREIRA; SOUZA, 2010, p167). Se por um lado o uso do celular não pode ser negado e o jovem com celular não é necessariamente um alienado, por outro lado, o uso do celular por si só não diz nada, pode não significar nenhuma mudança de fundo na lógica que organiza a escola.

Entendo que as tecnologias são significadas então ora como a possibilidade de transformação desse quadro de crise educacional, ora como a ameaça à estrutura da escola, um “vilão” na sala de aula. Elas são representadas como a possibilidade de suprir a falta. A possibilidade de completude que faltaria à educação e à escola. Porém, o discurso que significa o celular como prejudicial ao ensino ainda é muito presente, não só entre os professores e demais agentes que atuam na escola, mas presente socialmente, o que pode explicar, por exemplo, a ação de diferentes casas legislativas espalhadas pelo país no sentido de coibir e/ou limitar o uso de dispositivos móveis nas salas de aula, culminando na elaboração de um projeto de lei federal que visa à proibição do uso do celular na escola básica em todo território nacional. Paraná, Distrito Federal, Rio de Janeiro, São Paulo, Ceará, Acre, são alguns dos estados da federação que possuem leis estaduais ou municipais que proíbem o uso do celular em sala de aula, assim como o uso de outros aparelhos eletrônicos.

São Paulo foi o primeiro estado a proibir os equipamentos, com aprovação da Lei Estadual 12.730/2007, que estabelece que "Ficam os alunos proibidos de utilizar telefone celular nos estabelecimentos de ensino do Estado, durante o horário das aulas". A Lei foi regulamentada pelo Decreto 52.625, de janeiro de 2008, que prevê que:

Artigo 2º - Caberá à direção da unidade escolar:

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

[www.conedu.com.br](http://www.conedu.com.br)



# III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

I - adotar medidas que visem à conscientização dos alunos sobre a interferência do telefone celular nas práticas educativas, prejudicando seu aprendizado e sua socialização;

II - disciplinar o uso do telefone celular fora do horário das aulas;

III - garantir que os alunos tenham conhecimento da proibição.

Em 2008, a Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro promulgou a Lei 4.734, válida para as escolas localizadas no município. No Ceará, a Lei 14.146/2008, vetou o uso de celulares e tocadores MP3 nas salas de aula das Escolas Estaduais. Já no Paraná, a lei proíbe a utilização de qualquer equipamento eletrônico dentro de salas de aula. Segundo o texto original do Projeto de Lei nº 440/2013, de autoria do deputado Gilberto Ribeiro, os jovens do ensino fundamental e médio não possuem total capacidade para controlar o uso destes aparelhos, o que causa desvio de atenção no horário de aula. No entanto, apesar de proibir os alunos a utilizarem os dispositivos móveis, permite o uso quando orientado pelo professor - para fins pedagógicos. O deputado afirma, ainda, que a Lei não prevê qualquer punição para quem não cumprir a determinação, mas deve servir como amparo legal para que os professores possam exigir mais atenção às aulas. Outros projetos de nível estadual e municipal sobre o assunto são discutidos em outros estados.

Além destas leis citadas como exemplo, temos o projeto de LEI N.º 2.246-A, de 2007 (Deputado Pompeo de Mattos). A justificativa usada no projeto é a seguinte:

O presente Projeto de Lei visa assegurar a essência do ambiente escolar, onde a atenção do aluno deve estar integralmente direcionada aos estudos, na fixação do aprendizado passado pelos professores, sem que nada possa competir ou desviá-lo desse objetivo. O uso do celular no ambiente escolar compromete o desenvolvimento e a concentração dos alunos, e são preocupantes os relatos de professores e alunos de como é comum o uso do celular dentro das salas de aulas (BRASIL, 2007).

O argumento de que uso do celular atrapalha porque “desvia” a atenção dos alunos durante as aulas é constituído e expressa sentidos de escola, de ensino, de conhecimento que precisam ser problematizados. Por outro lado, cabe indagar, em que medida, os discursos em defesa dos usos do celular rompem com esses sentidos de forma radical. Em que medida a incorporação do celular nos processos de escolarização é pensada para além de mais um artefato, de meio para atingir determinados objetivos predefinidos.

Refletindo nisso, analiso a produção cultural do currículo atravessada pela tecnologia como linguagem, investigando os usos do celular que alunos do ensino médio de uma escola localizada no município do Rio de Janeiro faziam em sala de aula. Fiz observações e também algumas entrevistas com os alunos e professores, a partir destas, questionei os alunos quanto à atenção durante o momento da aula, e então, obtive o gráfico a seguir:

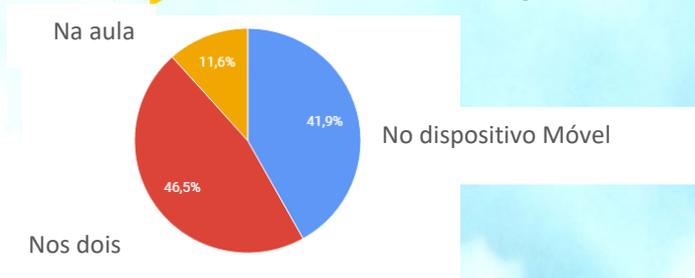


Gráfico 1- Onde acreditam que prestam mais atenção no momento da aula?

A partir do gráfico acima, é interessante analisarmos pelo conceito de *entrelugar* (BHABHA, 2010), a partir de uma concepção pós-colonial, o entrelugar pode ser visto como um ponto de revisão, renovação e diferenciação dos arranjos sociais. Vemos que a maioria dos alunos entendem que ao se conectarem ao celular mesmo estando no momento da aula, a atenção é dividida entre os dois lugares e espaços, eles circulam em ambos os *espaçostempos*, que podemos entender que a aprendizagem desta forma se dá no *entrelugar*. A partir do momento em que os estudantes estão circulando em diversos espaçostempos, sendo estes online ou presencial, podemos ver “a intertextualidade, favorecida por movimentos exploratórios, reunida transitoriamente numa articulação intersubjetiva contingente, contextual” (MARTINS, 2011, p. 81).

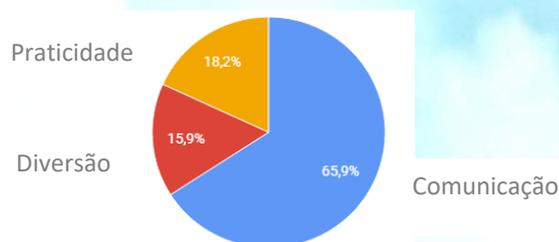
Esse aprendizado no entrelugar, por meio da tecnologia, demonstra “uma temporalidade de construção e contradição social que é iterativa e intersticial; uma ‘intersubjetividade’ insurgente que é interdisciplinar” (BHABHA, 1998, p. 315). Então, ao se conectarem e transitarem por estes espaços, vemos que podemos considerar a internet, neste contexto conotemporâneo, como espaço de fronteira e de contatos interculturais, cujas características resultam do cruzamento de referências. A partir do entrelugar podemos perceber que o uso do celular passa a ser uma micro-realidade do aluno, em seu espaço físico, individual ou coletivo, com aplicativos de mensagens por exemplo, ao se conectarem durante um longo período de tempo.

A maioria dos estudantes afirmam que utilizam o celular – 100% dos estudantes utilizam com mais frequência o celular – para se comunicarem. Percebemos então a centralidade da cultura não como uma instância epistemológica superior, mas como aquela instância social que atravessa tudo aquilo que é social (HALL, 1997). Uma dinâmica que Hall define como virada cultural e que possibilita pensar a importância da cultura nas análises dos fenômenos sociais.

Ao utilizarem o celular em suas pesquisas, consultas, acesso as redes sociais, comunicação via whatsapp os sujeitos, incluindo os *sujeitosestudantes*, estão produzindo cultura, produzindo novos significados sobre o mundo



e sobre o celular, não mais usado apenas como aparato midiático, mas a partir de uma perspectiva que entende a cultura numa concepção não-essencialista, como produção de sentido, como prática que envolve relações de poder e que produz identidades sociais (MACEDO, 2006).



*Gráfico 2 - Motivo pelo qual utilizam o dispositivo móvel*

Ao serem questionados sobre o motivo pelo qual os instiga a utilizar o celular em sala de aula ou em outros espaços, afirmam ser pela comunicação. O que vai ao encontro com o aplicativo mais usado, por ser um aplicativo de mensagens instantâneas e sem custo, dependendo somente da internet do celular, os alunos utilizam para se comunicar, o que podemos perceber na mudança das relações sociais provocadas pelas TICs. Os alunos possuem grupos no whatsapp, onde disponibilizam fotos dos conteúdos utilizados em sala, fotos das anotações do caderno ou do quadro, discutem sobre trabalhos a serem feitos em grupo, ou seja, a maioria das situações que poderiam ser solucionadas presencialmente, são feitas em outros espaços, sendo que dessa forma os ausentes do espaço físico estão presentes nas discussões, o que reafirma a onipresença que comentamos anteriormente.

Além do sentido que o aluno dá ao uso do celular, a partir das contingências e mudanças na contemporaneidade, destaco como ponto de discussão a relação do professor frente as novas relações estabelecidas a partir do uso das TICs nos processos de ensino e de aprendizagem. Resgato ainda algumas falas de professores entrevistados em minha pesquisa monográfica com a intenção de demonstrar aqui que os sentidos dados a qualquer objeto não são sentidos totalmente fechados e fixos, as contingências e as (re)significações sempre se fazem presentes, ou seja, os sentidos que são dados pelos professores sobre o uso do celular em sala de aula não são sentidos somente a partir do discurso hegemônico implementado nas leis que vimos anteriormente, por exemplo, mas que também há outras significações para este uso.

Trago aqui trechos das entrevistas de alguns professores, sendo estes professores das disciplinas que acompanhei durante o período de observações, conversamos a respeito de algumas estratégias usadas por eles como metodologia de aula, sobre como atuam em sala no momento em que os alunos utilizam o celular, como



# III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

entendem o uso dos dispositivos móveis na sala de aula, também conversamos sobre as relações entre eles e os alunos e sobre outros assuntos pertinentes nos momentos da aula, a partir da singularidade de cada turma e disciplina.

No processo de pesquisa, ficou claro que havia professores que eram a favor da tecnologia e do uso dos dispositivos móveis na sala de aula, durante o momento da aula, e havia aqueles que eram totalmente contra o uso. Essa polarização pode ser justificada por meio dos discursos e da dinâmica na sala de aula que o professor propõe.

Aqui não nos cabe afirmar se o uso da tecnologia contribui para um melhor ou pior desempenho escolar. Busco identificar a produção cultural que ocorre nesses processos de negociação, entendendo que novos objetivos podem surgir da negociação em sala de aula. Os professores podem negociar a respeito do uso, entendendo que tudo isso ocorre a partir de relações de poder. Assim como a professora 1, que permite que os alunos ouçam música durante a cópia do conteúdo.

A regra da escola é que não utilizem o celular em nenhum momento da aula, mas permito que os alunos ouçam música enquanto copiam, pois assim ficam concentrados e quietos, não deixo que eles manuseiem, mas eles usam escondido entre as pernas e na mochila. E quando vou explicar o conteúdo que coloquei no quadro eu peço para que alunos parem de ouvir música, para prestarem mais atenção na aula. – Professora 1

Além desta professora, o professor 2 também permite o uso do celular em alguns momentos específicos da aula, em outros momentos não permite, sendo assim o uso do celular limitado em sala de aula.

Deixo os alunos utilizarem para verem as figuras referentes aos conteúdos, como aqui na escola para utilizar a sala que possui um quadro interativo eu preciso de muita burocracia e não vou ficar carregando data show e notebook pra lá e pra cá, pois se quebrar quem vai pagar sou eu, peço para que os alunos procurem as figuras no celular quando estou explicando o conteúdo, assim não fica tão abstrato e eles têm uma maior apropriação do que estou falando. E também, prestam mais atenção e se interessam mais. – Professor 2

Este professor também relatou a respeito das novas relações que se estabelecem com o uso do celular:

Também utilizo muito o meu celular, entendo que eles queiram usar, mas o problema é que muitas vezes atrapalham a aula. Como forma de negociação com a turma eu combinei com eles que não usaria meu celular, e que era pra eles não usarem também, somente quando fosse solicitado. Quando peço para utilizarem mando as fotos e imagens do conteúdo que pesquisamos pelo *whatsapp*, temos um grupo juntos aí fica mais fácil. Já que eles utilizam sempre, também passo recados da disciplina para os que faltaram, mas quando entro, eles na maioria das vezes já falaram tudo e inclusive já mandaram as fotos dos cadernos com o conteúdo para os amigos faltosos, não vejo problema nisso, facilita muito a vida deles e a minha também que não preciso mais explicar tudo novamente. – Professor 2

A partir disso, continuo trazendo para o



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

diálogo o currículo como produção cultural e discursiva, esta é elaborada e reconfigurada nas negociações na própria prática cotidiana (BARREIROS; FRANGELLA, 2010, p.2), o que permite considerar as hibridações envolvidas no processo de construção e o desenvolvimento das práticas curriculares. Sendo o híbrido na perspectiva de Bhabha (2010), fruto de um processo que já sugere um *outro*, que não é nem um e nem o outro, embora traga resquícios, traços dos dois, mas na produção de *outro*.

O currículo é o lugar onde práticas discriminatórias produzem a diferença, o que significa perceber o currículo como cultura e não uma cultura com “repertório partilhado de significados” (MACEDO, 2006, p. 105). Assim, penso o currículo como híbrido e não como algo prescrito e dado, e sendo este um local onde não se pode selecionar qual cultura faz parte do seu repertório, mas reconhecendo como um espaço onde as culturas negociam com a diferença, um lugar onde o sentido está sendo produzido. Por isso, não nos cabe afirmar que o professor que é contra a tecnologia na sala de aula está errado, ou que por ser mais velho deve ser considerado um imigrante digital ou outro conceito que fixe sua identidade ignorando a diferença.

Não deixo utilizarem o celular porque eles abusam, se deixar eles acabam não copiando o conteúdo e não participando da aula, podem tirar notas baixas e quem irá ser cobrado pela coordenação vai ser eu, não vejo problema deles usarem nos corredores e na hora do recreio mas dentro de sala não permito para não atrapalhar. No início do ano permiti algumas vezes, mas aí começaram a falar alto, ouvir músicas e verem vídeos e como tem câmera na sala, a coordenação chamou a minha atenção e não quero mais isso, então proibi de usarem o celular na sala. – Professor 3

Tanto o professor que permite o uso do celular na sala de aula quanto o que não permite, ambos estão produzindo sentidos, pois o currículo é um espaço onde as culturas a todo o momento produzem sentidos, significação e ressignificação nas relações intersubjetivas, como o professor 3 que não permite o uso do celular na sala de aula, ele está a todo momento produzindo sentido, para ele o celular na sala de aula prejudica o desempenho escolar dos alunos e entende que o a relação de poder estabelecida da escola atua diretamente em sua metodologia, não havendo assim espaço para negociações como ocorre na aula do professor 2 e da professora 1.

Isto porque a cultura:

não provoca por si nenhuma rejeição ou incompatibilidade, na medida em que continua a ser cultura, isto é criação. Uma cultura que se reproduz de maneira idêntica (uma cultura de reserva ou de gueto) é um câncer sociológico, uma condenação à morte, assim como uma língua que não se fala mais, que não inventa mais, que não se deixa contaminar por outras línguas, é uma língua morta. Portanto, há sempre um certo perigo em querer defender ou proteger as culturas e uma certa ilusão em querer buscar sua pureza perdida. Elas só viveram por



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

serem capazes de se transformar. (AUGÉ, 1998, p. 24-25).

Neste movimento de investigação, compreendo a linguagem da tecnologia não como a possibilidade de superação dos limites das antigas tecnologias, como os quadros de giz e os materiais impressos, pois isso são produções histórico-sociais, mas a tecnologia possui uma nova forma e estruturar o cotidiano dos sujeitos.

O aluno não se relaciona somente com o outro aluno, mas por meio do celular ele tem acesso aos conteúdos escolares, pode sanar dúvidas com o professor e obter outros tipos de relações nesse processo de produção cultural, ao mesmo tempo em que outros sentidos são dados a esse uso do celular, eles utilizam para multitarefas, ressignificam o próprio uso do aparelho em seu cotidiano.

Percebo que os alunos utilizam o celular por fazerem parte do seu cotidiano, parece que eles não conseguem ficar sem mexer nesse *troço* porque ficam por fora das novidades, eles não conseguem se desvincular do aparelho para prestarem atenção somente em uma coisa, estão acostumados a prestar atenção em várias ao mesmo tempo, mas quando o conteúdo não é significativo pra eles, eles não prestam atenção, mesmo não usando o celular, dão um jeito de se distrair [...]. – Professora 5.

A fala da professora exemplifica a questão do uso do celular como produções de diversos significados, os alunos utilizam em vários *espaçostempos* e *dentrofora* da sala de aula a todo o momento. Não é possível fixarmos quais são os significados dados ao uso do celular por estes jovens e nem vemos como pertencentes a uma mesma cultura, pois de acordo com cada professor e cada aluno entrevistado os significados dados são diferentes. Em cada disciplina e momento o aluno se apropria do celular de uma forma, assim:

Nessa perspectiva, renunciamos ao pensamento dos movimentos que estabelecem uma única cultura que predetermina e ou preestabelece condutas e ações dentro/fora da escola, considerando que esse pensamento não dá conta de discutir e problematizar processos fluidos e dinâmicos que se articulam e se constituem de diferentes maneiras no processo de produção e organização da escola. Dessa forma, consideramos que esses processos não são possíveis de ser discutidos a partir de uma única ótica; ao invés disso, requisita outros olhares que não estejam mais dispostos a aprisionar e, então, fixar sentidos para determinadas práticas e ações dentro/fora da escola. (ROSÁRIO, 2013, p. 40)

Além disso, a professora também cita a questão da metodologia e de como o professor aborda o conteúdo em sala de aula. “Há 15 anos, eram poucos os usuários de celulares, e somente parte da comunidade acadêmica tinha acesso à Internet[...]. Hoje, pode-se conectar à Internet a partir dos celulares, algo impensável até bem pouco” (PRETTO; PINTO, 2006, p.23). Então, a partir disso podemos pensar que a utilização dos dispositivos móveis, focalizando no celular, não irá salvar os problemas educacionais nem os de aprendizado, mas desconsiderar seu uso como se vivêssemos na escola de 15 anos atrás é uma tentativa de rompimento das relações que se estabeleceram a partir do uso de tais

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

[www.conedu.com.br](http://www.conedu.com.br)



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

dispositivos. A produção cultural não é silenciada, pois mesmo que os alunos e professores não utilizem no momento da aula, eles se relacionam com a tecnologia em outros momentos de seu cotidiano. Entretanto, “intensifica-se dessa forma o trabalho do professor, já que a escola e todo o sistema educacional passam a funcionar com outros tempos e em múltiplos espaços, diferenciados” (PRETTO; PINTO, 2006, p.24).

## **REFERÊNCIAS**

AUGÉ, Marc. A guerra dos sonhos: exercícios de etnoficção. Campinas: Papirus, 1998.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARREIROS, D. R. A.; FRANGELLA, R. de C. P. Um novo olhar sobre o sentido de política nos estudos curriculares. **Roteiro**, Joaçaba, v.35, n.2, p.231-250, jul/dez. 2010

BHABHA, H. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 5ª reimpressão, 2010.

BRASIL. **Lei 5222/08**, de 11 de abril de 2008.

BRASIL. **LEI Nº 4.131**, de 02 de maio de 2008.

BRASIL. CÂMARA. **Projeto de lei 2.246-A**, 2007.

FERREIRA, A. de O.; SOUZA M.J. J. de. **A redefinição do papel da escola e do professor na sociedade atual**. VÉRTICES, Campos dos Goytacazes/RJ, v. 12, n. 3, p. 165-175, set./dez. 2010

FERREIRA, F. A. Para entender a Teoria do Discurso de Ernesto Laclau . In: Revista espaço acadêmico. Nº 127, 2011.

GREEN, B. & BIGUM, C. Alienígenas na sala de aula. In: SILVA, T. T. (org.). **Alienígenas na sala de aula**. Uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis: Vozes, 1995.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.22, n.2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

LOPES, A. C.; MACEDO, E. **Teorias de Currículo**. São Paulo: Cortez, 2011.

LACLAU, E.; MOUFFE, C. **Hegemonia y estratégia socialista: hacia una radicalización de la democracia**. Argentina: Fondo de Cultura Económica, 2004.

MACEDO, E. CURRÍCULO: Política, Cultura e Poder. **Currículo sem Fronteiras**, v.6, n.2, p.98-113, Jul/Dez 2006.

\_\_\_\_\_. Currículo e hibridismo: para politizar o currículo como cultura. **Educação em Foco – Questões Contemporâneas de Currículo**, v. 8, n. 1 e 2, p. 13-30, mar/ago 2003, set/fev 2003/2004.

MARTINS, D. M. B. A TESSITURA INTERSUBJETIVA DOS ENTRE-LUGARES: O que pode um grupo? **Revista de Estudos Antiutilitaristas e PosColoniais**. Vol.1, nº 01, Jan-Jun 2011.

PRETTO, N. de L.; PINTO, C da C. Tecnologias e novas educações. **Revista Brasileira de Educação** v. 11 n. 31 jan./abr. 2006.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

ROSÁRIO, R. S. L. **Produção cultural do currículo e a Sala de Aula Revoluti: entre tensões e negociações.** 2013. 104f. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação) – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2013.

SABOIA, J.; VARGAS, P. L. de; VIVA, M. A. de A. O uso dos dispositivos móveis no processo de ensino e aprendizagem no meio virtual. **Revista Cesuca Virtual: conhecimento sem fronteiras** v.1, n. 1, jul/2013. Disponível em:<http://ojs.cesuca.edu.br/index.php/cesucavirtual/article/viewFile/424/209>. Acesso em 26 de julho de 2015.